

O coração do poeta

3-2-60 - O Galvão

A CRÔNICA de Rubem Braga

O CORAÇÃO

O POETA precisa fazer um exame de coração. O médico o recebe com um ar grave. Pergunta nome, idade, filiação. E o pai, e a mãe, de que morreram? E os irmãos?

O médico investiga a família do poeta, mas este não conta tudo. Não diz nada de suas irmãs remotas, que vivem no azul e se chamam estrélas; nem das humildes flôres do campo. De suas doenças não diz as que mais o feriram no fundo da alma, de seus vícios não conta o vício de amar.

— Tire o paletó e a camisa.

O médico aplica um aparelho sôbre o peito do poeta. Aplica várias vezes, mais acima, mais abaixo, mais à direita, mais à esquerda. Apalpa o corpo imóvel. Mandando que ele respire. Inspire, expire. O poeta inspira e, depois de inspirado, expira. Seu corpo é transportado para uma câmara escura em que uma enfermeira lhe ata os pulsos, o peito, as pernas; há aparelhos ligados a fios misteriosos. O poeta tem a certeza de que se deitou na cama elétrica e vai ser eletrocutado, fica bolando uma frase bonita para se despedir da vida e figurar nos almanaques do futuro — “as últimas palavras de...” — mas a enfermeira fala em eletrocardiograma, coisa que assusta mas não mata. Estão fotografando a marcha do sangue do poeta.

O médico examina as chapas, toma o pulso e a pressão do poeta, e mais uma vez, como os antigos auscultavam as pitonisas, ausculta o poeta.

O olhar grave, êle o encara; depois, lentamente, escreve coisas em um papel e lhe entrega:

— O senhor tem um coração de menino.

— Obrigado, doutor. As mulheres sempre me disseram isso.

Mauvele

M 83

M 704

CM - 10.452

~~Graciosa~~

DN 30.3.66

FLU, p. 78

RN